

## Razões para morrer e razões para viver: Nietzsche e a questão do suicídio

Alexandre H. Reis<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo investigar a visão de Friedrich Nietzsche sobre o suicídio e suas implicações na sociedade moderna. Através de uma análise textual, busca-se compreender a perspectiva do filósofo em relação à morte voluntária como uma afirmação racional de liberdade. Examinamos algumas passagens fundamentais de *Humano, demasiado humano*, *Assim falou Zaratustra* e *Crepúsculo dos ídolos*, no intuito de reativar o debate sobre o ideal antigo de uma preparação para a morte e o acolhimento de possíveis razões para morrer. Nietzsche defende a morte voluntária em certas circunstâncias como um ato de criação, liberdade e afirmação da própria vida. Através de sua crítica à moral cristã, propõe uma reflexão mais ampla sobre o suicídio, destacando a importância da escolha livre e consciente do momento da morte. Ao fazê-lo, o filósofo alemão coloca-se na esteira de Montaigne e estimula uma reflexão mais profunda sobre as questões relacionadas ao suicídio na sociedade moderna. Por fim, a partir da leitura de Nietzsche, caminhamos no sentido de colocar algumas questões sobre eutanásia voluntária e provocar, de certo modo, o debate público sobre a necessidade de uma legislação mais liberal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nietzsche. Suicídio. Morte voluntária. Eutanásia.

### INTRODUÇÃO

Este ensaio faz parte de um estudo maior sobre como a *morte voluntária* se tornou *suicídio*, cujos primeiros resultados foram publicados no Livro I (“Variações Antigas e o Domínio do Cristianismo”) da obra *História do Suicídio*, lançada em 2020 pela então Páginas Editora (atualmente Literíssima Editora). O termo “suicídio” denota a ideia de que morrer voluntariamente é um assassinato de si mesmo. Vale lembrar que sua origem etimológica está no verbo latino *caedere*, que significa matar, cortar, etc., do qual resulta o substantivo *caedes* que significa matança, carnificina, assassinato (LEWIS & SHORT, 1879). Essa concepção tem raízes na proibição da morte voluntária encontrada no Livro I de *A cidade de Deus*, escrito no início do século V por Santo Agostinho, que tipificou a *mors voluntaria* como homicídio de si (REIS, 2020). No Renascimento e na Modernidade, surgiram diferentes perspectivas em relação a essa tradição. Por um lado, alguns resgataram os argumentos dos estoicos, como vemos nos *Ensaio*s de Montaigne. Por outro lado, houve uma argumentação contrária à ideia cristã de que a morte voluntária configura uma injustiça contra si, Deus e a sociedade, como fica evidente no escrito de David Hume, *Of suicide*, de 1777. Diversos escritores ingleses debateram publicamente esse assunto nos séculos XVII e XVIII e, no século XIX, coube aos alienistas franceses um domínio do tema.

<sup>1</sup> Doutor em Educação em Ciências pelo Departamento de Química (UFRGS), Doutorando PPG-FILOSOFIA (UFRGS). Professor do CIM/UFPEL. Bolsista Capes. alexhreis@gmail.com

Atualmente, os estudos sobre o suicídio têm ganhado destaque em diversos campos, sobretudo na área da saúde, mas poucas contribuições filosóficas são produzidas. A fim de promover um debate público, concentraremos nossa leitura do tema no modo como Nietzsche vê o suicídio em contraste com a moral cristã. A partir da leitura de seus argumentos, buscaremos provocar alguma discussão atual sobre o direito de morrer e sobre a possibilidade de reconhecer na vontade de morte razões possíveis e justificáveis. A questão de fundo deste ensaio (*qual é o valor da morte para a vida humana?*) pretende situar o debate em tópicos como a eutanásia e as *diretrizes antecipadas de vontade*, que exigem que os filósofos façam o uso público da razão e contribuam para o debate atual.

## 1 FRIEDRICH NIETZSCHE E O TEMA DA MORTE LIVRE

Dentre as diversas contribuições de Nietzsche, suas reflexões sobre o tema da morte estão relacionadas à necessidade de uma nova valoração. O que a morte representa para os seres humanos até o momento presente? Por que somente a religião a levou a sério e a incorporou em seus ensinamentos? Até onde podemos enxergar, a morte para o ser humano pode ser pensada, em termos gerais, sob três perspectivas: 1) como o fim de uma vida, determinando seu tempo, limite e finitude; 2) como uma passagem para uma continuidade da alma em um além-túmulo, conforme ensinado por várias tradições; 3) ou como um mistério indecifrável. A compreensão que Nietzsche desenvolve sobre a morte está mais próxima da primeira perspectiva, voltada para a afirmação da finitude da existência, o que torna a morte um tema vital, uma vez que é concebida como aniquilação completa da vida humana.

Quando abordamos o tema do suicídio nas discussões atuais, dedicamos pouco espaço para debater a nossa compreensão da morte. Será possível compreender o suicídio sem um entendimento adequado da morte? Nesse sentido, os escritos de Nietzsche apresentam diversas perspectivas que possibilitam uma crítica da morte em suas construções metafísicas e religiosas: a crença de uma vida além túmulo, lemos no aforismo 5 de *Humano, demasiado humano*, seria um mal-entendido ou uma má interpretação dos sonhos (NIETZSCHE, 2005, p. 18). Até que ponto uma metafísica da morte consegue construir sentidos de existência é, certamente, um ponto importante na compreensão da filosofia entendida como modo de vida.

A perspectiva de Nietzsche diante da possibilidade de *uma morte livre* (*eines freien Todes*) reintroduz, na idade contemporânea, uma perspectiva estoica que aparece, por exemplo, em Plínio, o Velho (23 – 79 d.C.). Em sua *Historia Naturalis*, o filósofo romano havia defendido a tese de que a vida não deve ser amada demasiadamente até o ponto de o vivente desejar o seu prolongamento de todas as formas. Por isso, Plínio afirma que dentre todos os bens, “nenhum é melhor do que uma morte em tempo oportuno, e isto, nesse caso, é tanto o melhor que cada qual pode proporcionar-se isso por si mesmo.” (PLINY, 1991, p. 319). No capítulo intitulado *Vom freien Tode* (geralmente traduzido por *Da morte voluntária*), de *Assim Falou Zarathustra*, Nietzsche escreve: “Muitos morrem tarde demais, e alguns morrem cedo demais. Ainda parece estranho o ensinamento: ‘Morre no tempo certo!’. Morre no tempo

certo: assim ensina Zaratustra.” (2011, p. 69).<sup>2</sup> Na sequência a essa admoestação a morrer no tempo certo (*Stirb zur rechten Zeit*), o capítulo se desenvolve até a ideia de que com a realização das metas estabelecidas para si (o cumprimento do fito) e o avizinhamo da morte natural pelo enfraquecimento das forças vitais, a vida pode ser coroada com uma celebração, com uma festa de despedida. Há aqui uma contraposição, já desenvolvida por Nietzsche no aforismo 185 de *O Andarilho e Sua Sombra*, como veremos, à morte natural, tipificada como involuntária.

Mas de que forma a morte pode ser uma festa? Dentro do contexto do discurso, quando Zaratustra apresenta sua doutrina da morte em um momento oportuno, a morte se torna uma festa na medida em que se torna um evento de máxima importância na vida de uma pessoa. É um momento que pode ser planejado, organizado e celebrado junto com amigos e familiares. Além disso, pensar na morte como uma festa implica em aceitá-la e, portanto, valorizá-la. Se um indivíduo considera a vida como um valor a ser celebrado, isso implica que ele, que está fadado a morrer, cria a morte como um valor e, conseqüentemente, torna-se um criador de si mesmo, um criador de significados.

Veremos como Nietzsche estabelece a distinção entre uma *morte voluntária* e uma *morte involuntária*, também chamada por ele de *morte natural*. Este ponto é importante: ele nos convida, enquanto sociedade, a promover uma discussão pública acerca da eutanásia voluntária.

## 2 A MORTE LIVRE E A MORTE DOS VELHOS

O tema do suicídio é abordado por Nietzsche como objeto de reflexão a partir de uma perspectiva precisa: a morte do idoso, ou, em outras palavras, a morte do indivíduo que cumpriu sua missão. O suicídio entre os idosos em nossa sociedade contemporânea é um tema negligenciado (MARQUES *et. al.*, 2020), inclusive nas campanhas como o Setembro Amarelo, e temos a oportunidade de examiná-lo com base nos textos de Nietzsche. As seções 80 de *Humano, Demasiado Humano* e 185 de *O Andarilho e Sua Sombra* suscitam questões diante das quais devemos tomar uma posição. Nessas seções, respectivamente, Nietzsche questiona: “Por que seria mais elogiável para um homem idoso, que sente a diminuição de suas forças, aguardar seu lento esgotamento e dissolução em vez de, com plena consciência, estabelecer um limite para si mesmo?” e “O que é mais racional: interromper a máquina quando a tarefa exigida dela foi concluída, ou deixá-la continuar funcionando até que pare por conta própria, ou seja, até que se deteriore?”

Para aqueles que consideraram ter cumprido sua missão, sua vida e obra, a morte voluntária é vista por Nietzsche, no aforismo 80 de *Humano, demasiado humano*, como uma escolha racional, uma “ação perfeitamente natural” e uma “vitória da razão” (2005, p. 62). Por

2 Para as citações em português, utilizaremos as traduções de Paulo César de Souza, para a Cia das Letras. Quando nos referirmos aos textos em alemão, utilizaremos as *Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe*, de 1975.

outro lado, a morte involuntária (ou morte natural) é considerada o oposto: uma submissão do indivíduo a um corpo doente e, conseqüentemente, à aniquilação do ser racional devido à dependência corpórea, uma vez que a morte ocorre, nesse caso, quando o corpo perece. Agora, vamos examinar a posição de Nietzsche em relação ao que é conhecido hoje como *distanásia*, que se refere ao procedimento de prolongar indefinidamente a vida, de forma obstinada, por meio dos recursos disponíveis na medicina hospitalar. No mesmo aforismo 80 de *Humano, demasiado Humano*, o filósofo afirma que, diante do “lento esgotamento e dissolução” das forças vitais, na velhice, seria digno “fixar um termo para si” e que “neste caso o suicídio é uma ação perfeitamente natural e próxima.” Ao contrário disso, “o anseio de prolongar dia a dia a existência, com assistência médica angustiante e condições de vida extremamente penosas, sem a força para se aproximar do verdadeiro fim, é algo muito menos respeitável.” (NIETZSCHE, 2005, p.62).

É notável que Nietzsche tenha sido considerado por uma certa tradição de leitura como um pensador do irracionalismo. Da mesma forma, é notável que Kant, que também abordou o tema, tenha considerado o suicídio como irracional. Diante dessas afirmações, devemos ampliar nosso conceito de razão, a fim de compreender que razões opostas nem sempre são contraditórias, mas expressam visões parciais que não alcançaram uma compreensão mais abrangente. Se, para Kant, o suicídio é considerado irracional por interromper a possibilidade de ação racional, isso se baseia em uma compreensão moral da razão (KANT, 2017, pp. 346 e ss). Por outro lado, Nietzsche não coloca razão e vontade em oposição, e, portanto, é capaz de compreender o suicídio como uma expressão de vontade racional.

Quando havíamos abordado a construção de uma história do suicídio, ao analisarmos os juízos de Santo Agostinho sobre Lucrecia em sua obra *Cidade de Deus*, na verdade estávamos explorando as origens de nossos preconceitos morais (REIS, 2020). E pudemos perceber que o suicídio não é condenado nos textos bíblicos, tendo sido repudiado, de modo absoluto, somente a partir de Agostinho. Lembremos o Livro de Eclesiastes, onde, segundo a tradição rabínica, encontramos os ensinamentos do sábio e idoso Salomão: “É melhor a morte do que uma vida de aflição, e o descanso eterno do que um sofrimento sem fim” (Eclesiastes 30:17).<sup>3</sup> Observamos que esse é um tema presente desde a Antiguidade, mas pouco discutido entre nós. É evidente que não colocamos a morte como assunto em nossas conversas, estudos ou educação. Nem mesmo na sociedade brasileira da década de 2020, pós-pandemia, estamos promovendo amplos debates sobre eutanásia e suicídio assistido.

Nietzsche estava ciente de sua época e sabia que essa concepção de morte, de aceitação da morte ou de preparação para ela, não fazia parte da moralidade de seu tempo, que, em certo sentido, ainda é nossa época. Ele sabia perfeitamente que essa ideia era considerada, como ele chamou, a moral dos fortes entre os antigos, tanto gregos quanto romanos, que atribuíam o devido respeito ao suicídio voluntário, como foi o caso dos “grandes filósofos gregos e dos mais corajosos patriotas romanos” (NIETZSCHE, 2005, p. 62). Nietzsche, como

3 <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/elesiastico/30/> acessado em 25 de junho de 2023.

o filósofo da esperança, imaginava que em um futuro não muito distante, essa concepção poderia novamente fazer parte de uma nova moral.

Vetemos ao discurso de Zaratustra, *Vom freien Tode*, já referido na primeira parte de nosso texto. Ao falar “livre para a morte” (*frei zum Tode*) e “livre na morte” (*frei im Tode*),<sup>4</sup> Nietzsche não apenas defende a ideia de que somos livres para morrer, mas que, ao morrerem livremente, estamos afirmando a liberdade. Além da proximidade da ideia já referida de *tempo oportuno*, de Plínio, não é difícil encontrar um parentesco desta ideia de liberdade com as teses defendidas por Sêneca em suas *Cartas a Lucílio* (especialmente a Carta LXX), em que ele defende a morte voluntária, em determinadas circunstâncias, como o ato derradeiro de afirmação da liberdade. Vejamos: ao escolher a morte, ao desejar racionalmente a morte, a morte se apresenta como um ato de criação final. É esse o sentido de liberdade aqui: a capacidade de estabelecer um valor. A morte no momento adequado: a morte que chega até mim porque eu a quero. Percebamos que a ideia do que hoje é chamado de suicídio não é apresentada aqui para o indivíduo desesperado, que não suporta a vida e, por isso, prefere escapar dela, *fugere in mortem*, para usar a expressão de Tacitus, lembrada por Hooff (1990, p. 248). Nietzsche se dirige àqueles que desejam conscientemente a morte no momento certo, tendo cumprido seu propósito, como senhores e senhoras que viveram a vida e, portanto, podem preparar sua morte em vez de esperá-la involuntariamente devido à doença, exaustão das forças vitais, acidente, etc. Aguardar a morte dessa maneira é, para o filósofo alemão, submeter-se a forças que não são governadas pela própria vontade.

É amplamente conhecido o argumento presente em uma passagem da obra de Platão, o *Fédon*, segundo o qual não devemos escolher a morte voluntariamente, pois a vida pertence à divindade. Esse argumento reaparece em Plotino [*Enéada* I, 9 (16)], Agostinho (*Cidade de Deus*, I, XX) e São Tomás de Aquino (*Suma de Teologia*, II, IIa, Questão 64, Artigo 5). Nesse argumento, nós, seres vivos, somos uma espécie de guardiões ou sentinelas, incumbidos de manter firmemente nosso posto e não desertar. Platão afirma textualmente: “os deuses são nossos guardiões e nós, seres humanos, somos uma das posses dos deuses” (62b). Esse argumento se tornará propriedade do cristianismo medieval: quem se mata voluntariamente comete uma injustiça contra Deus. Nas Palestras sobre Ética ministradas pelo professor Immanuel Kant na Universidade de Königsberg, encontramos novamente esse argumento: “Os homens estão aqui como sentinelas, e por isso não devemos sair (...). Ele [Deus] é nosso proprietário, e nós somos Sua propriedade, e Sua providência garante o que é melhor para nós” (KANT, 2001: p. 149).

Compreendemos, portanto, que a evocação da liberdade no discurso de Zaratustra (“Livre para a morte e livre na morte”) estabelece um confronto com a imagem órfica da

4 “Frei zum Tode und frei im Tode, ein heiliger Nein-sager, wenn es nicht Zeit mehr ist zum Ja: also versteht er sich auf Tod und Leben.” (NIETZSCHE, 1975, p. 1750.) “Livre para a morte e livre na morte, um sagrado negador, quando já não é tempo de dizer Sim: assim entende ele da morte e da vida.” (NIETZSCHE, 2011, p. 70).

sentinela. A morte que vem a mim porque eu quero afirma o próprio homem como proprietário de sua vida, capaz de criá-la. Viver é afirmar-se como ser criador.

Embora possamos concordar com Nietzsche, atualmente aprendemos questões fundamentais: mesmo que a morte voluntária seja absolutamente privada, decidida no interior de uma consciência, doente ou saudável, seu impacto social é significativo e afeta muitas pessoas que não participaram dessa decisão. A questão do luto, do pós-suicídio e do cuidado com os parentes são questões importantes que envolvem o estudo do “suicídio”. Tendo em vista essas considerações, observamos que a meta de Nietzsche é considerar a morte de um ponto de vista individual, voltando-se para a liberdade e a vontade. No entanto, ao ler sua obra, não podemos deixar de notar que essa questão está presente, ainda que de maneira sutil. Quando ele diz que a morte deveria ser uma festa, isso necessariamente envolve a dimensão social do “suicídio”. Portanto, isso aponta para a necessidade de uma preparação para a morte, para uma morte planejada, o que suscita, em nosso debate público, discussões sobre a eutanásia voluntária.

As observações de Nietzsche chocam-se com a moral cristã, que tradicionalmente se opôs à morte voluntária, ao menos desde Agostinho (REIS, 2020). Este confronto coloca para Nietzsche dois desafios que estão presentes em seus escritos: retirar da morte voluntária o julgamento moral que a condena como crime ou pecado e a transforma, no nosso entendimento, em *suicidium*; e empreender uma luta contra a ideia segunda a qual a morte voluntária é contra a natureza. Não há, como se poderia esperar, um desenvolvimento destas ideias nos textos de Nietzsche, mas o simples fato de retomar as teses que foram caras aos romanos, no século de Cícero e no século de Sêneca, indica a inserção do debate no tempo atual, quando podemos novamente rever nossa própria redução do suicídio a uma sintomatologia psiquiátrica e à manutenção do ideal teológico contrário à possibilidade de uma morte justificada e, portanto, escolhida racionalmente.

Ao falarmos em “suicídio” para todo caso em que o sujeito provoca intencionalmente a sua morte, perdemos a capacidade de elogiar a coragem diante de uma morte justificada, como podemos encontrar em outras culturas e em outros povos. A postura diante da morte definia o que se chamou na tradição de *euthanásia*, ou *boa morte*. Filão de Alexandria, que floresceu no século V, escreveu: “Quem ignora que uma bela velhice e uma *boa morte* (*εὐθανασία*) são os maiores bens do homem, quando a natureza não tem parte nem numa nem noutra, visto que ela não conhece nem a velhice nem a morte?” (Filão, 1966, p. 154.) Atualmente, eutanásia deixa de ser um *fim*, uma *boa morte* propriamente, no entendimento do titular da vida, quando se está pronto para morrer, e passa a ser um *meio*, uma intervenção de *outrem*, de uma equipe médica, na solidão de um leito hospitalar.

Temos aqui uma *transvaloração* da ideia de morte: morrer na hora certa, após cumprir sua missão: isso somente é possível a quem viveu com a mesma coragem. Assim, morte não se opõe à vida, mas se apresenta, na concepção nietzscheana, como uma espécie de momento ápice em que a própria vida é celebrada, coroada. “Morrer altivamente quando já não é

possível viver altivamente.”, afirma Nietzsche, e prossegue: “A morte livremente escolhida, no dia assinalado, com lucidez, (...) tudo isso está em oposição com a lamentável comédia que o cristianismo representa à hora da morte.” (NIETZSCHE, 2006, p. 75).

Nietzsche chama essa proposta de *uma moral para médicos*: a morte deve ser levada a bom termo “por amor à vida, deve ser livre, consciente, sem acidentes, sem emboscadas” (NIETZSCHE, 2006, p. 92). Mas lembremos os *Ensaio*s de Montaigne: ali também havia esta mesma questão retomada dos estoicos. No final do século XVI, quando havia apenas uma visão sobre a morte voluntária, condizente com o juízo de Agostinho, retomar os estoicos era fundamental para apresentar uma visão pluralista numa sociedade intolerante. Assim, Montaigne o faz, não para tomar partido em favor dos romanos contra os cristãos, mas para contribuir para o processo que mais tarde seria chamado de *renascimento*.

Montaigne (2008) considerou que morrer a tempo, na hora certa, no tempo oportuno, seria como uma falsa sabedoria: a vida pode dar reviravoltas! Como, então, saber qual é esse momento oportuno? A tese do tempo oportuno seria dogmática. E a própria razão que busca esclarecimento reclama algum ceticismo. Direcionemos esta pergunta ao próprio Nietzsche. Encontramos apenas algumas vagas indicações, sobretudo quanto à questão do fito, da meta, e do herdeiro, postos no capítulo sobre a *morte livre em Assim falou Zaratustra*. A defesa de uma morte livre não é a defesa do suicídio, mas a defesa de que o poder de decidir o momento certo cabe apenas ao titular da própria vida. Um confronto entre as posições de Nietzsche e Montaigne merece, pois, um estudo à parte.

### 3 MORTE VOLUNTÁRIA, MORTE INVOLUNTÁRIA E A QUESTÃO LEGAL DA EUTANÁSIA

O debate em torno da morte assistida no Brasil não ocupa um lugar privilegiado nas manchetes das grandes mídias ou nos espaços acadêmicos. Paralelamente a este silêncio, é notável a presença das discussões e da prática dos cuidados paliativos. A distinção feita por Nietzsche entre uma morte voluntária e uma morte involuntária (NIETZSCHE, 2005, p. 57 e 2008, p. 102) pode ser inserida no virtual debate atual acerca de uma legislação que apoie a morte assistida em casos justificados. Tivemos recentemente, em 2022, a aprovação de uma legislação favorável à assistência ao fim da vida no Uruguai. Além disso, temos uma legislação muito madura na Colômbia, para citar apenas nossos vizinhos. Atitudes mais centradas nos pacientes em relação à saúde e aos cuidados sociais conduzem a um debate franco sobre este tema que tem sido evitado em diversos setores, incluindo a própria comunidade científica e médica. Podemos perguntar, ao menos, se as necessidades, atitudes, crenças e vontades dos pacientes não deveriam estar na vanguarda da tomada de decisões em relação aos seus destinos. Com a procura crescente por uma legislação mais liberal já cercando nosso país, podemos imaginar que o debate sobre a morte assistida ganhará cada vez mais destaque, até o ponto de a Academia, os profissionais de saúde, os políticos e os legisladores não puderem mais ignorar essa discussão. Ao recusarmos uma possível assistência dada pela medicina a uma “morte voluntária”, condenamos todos nós a uma “morte involuntária”. A questão que

se impõe pode ser colocada sem rodeios: o que fazemos com aqueles que encontram mais razão para morrer do que para viver, ou simplesmente encontram uma razão para morrer, e decidem pela antecipação da morte? Ao não permitirmos sequer que falem de seus desejos, não os condenamos a uma morte silenciosa e inadequada, muitas vezes realizadas por meios violentos?

#### 4 O VALOR DA MORTE E O SEM SENTIDO DA VIDA

Em seu aforismo 34 de *Humano, demasiado humano*, Nietzsche levanta a questão de se a morte não seria preferível à vida e chega a considerar o “suicídio” como uma forma de escapar de uma existência vazia, sem valor ou propósito. Essa questão só pode ser levantada na ausência de uma moralidade que afirme que a vida humana pertence a Deus e que o homem é um guardião de seu posto. Nietzsche conscientemente se distancia da moralidade cristã, que impõe ao homem a obrigação de viver.

A ideia de que a vida não possui sentido tem dois efeitos práticos. Um deles pode ser entendido como uma resignação e desespero diante do niilismo, levando-nos a uma existência prática sem metas e sem justificativas que tornem a vida desejável em situações difíceis de serem transpostas. O segundo efeito possível é justamente o oposto: a possibilidade de criar os sentidos que a vida pode ter! Um confronto direto entre o aforismo 125 de *A gaia ciência* e o “Prólogo” de *Assim falou Zaratustra* é suficiente para mostrar que toda a angústia, lamento e profundo sofrimento da descoberta da *morte de Deus*, no primeiro texto, dá lugar, no segundo, à afirmação de que agora o homem pode se tornar um criador de si mesmo. A filosofia moral de Nietzsche se desenvolve, de certa forma, a) no sentido de combater uma moral escatológica, que funda o sentido da vida na própria morte, na indicação de uma vida eterna, e b) na afirmação da vontade como criadora de valores. Em uma ética afirmativa e imanente, uma morte voluntária, na velhice, quando já se cumpriram os projetos pessoais e quando há uma escolha livre, não seria um problema para o filósofo.

Este é um ponto evidente ao ler a obra de Nietzsche: a existência humana carece de propósito, não possui uma finalidade intrínseca. Se afirmarmos que a busca por mais poder é a teleologia da vida humana, estaríamos simplificando a doutrina da *vontade de poder*, que define toda a vida em geral. Ao falarmos da existência humana, não é fácil encontrar um propósito nos textos de Nietzsche. Essa ideia é crucial na forma como ele enxergava o “suicídio”: devido à falta de propósito na existência, as pessoas esperam pela morte de forma natural. O planejamento da morte é exatamente uma maneira de atribuir significado à existência, corando-a com uma morte digna. A racionalidade de morrer voluntariamente (livremente) evita o sofrimento fútil e a morte degradante. É isso que Nietzsche procurou restaurar após dois milênios de cristianismo. Parece-nos que aí está o lugar de Nietzsche na história do suicídio.

O niilista (no sentido de um *niilismo incompleto*) enfrenta uma vida sem sentido, sem valor intrínseco, e diante dessa existência vazia, a morte se torna uma sedução, uma atração para a qual pouco importa consentir ou não. O niilista morre voluntariamente para

escapar do tédio da vida. No entanto, essa não é a morte livre que encontramos nos escritos de Nietzsche: trata-se de estabelecer um sentido onde só há possibilidades. E as possibilidades são esperanças. É por isso que a arte ocupa um lugar central na obra de Nietzsche. A poesia, a tragédia, a arte de criar valores e, acima de tudo, a música, tudo isso é um convite à vida para Nietzsche, e a própria ciência é concebida e experimentada como uma arte da criação: que a minha ciência seja alegre! É um grande estímulo à vida: a arte é um argumento que busca convencer o indivíduo forte de que, apesar de sua condição trágica e sem sentido, a vida vale a pena ser vivida e afirmada, pois é uma grande oportunidade de criação.

Observemos que aqui temos um interessante embate entre duas visões de mundo: A) a moral cristã afirma uma vida no além-túmulo, uma vida após a morte apresentada como recompensa, muitas vezes considerando essa vida terrena como uma espécie de preparação para uma outra; B) o esboço de uma ética (que pode ser delineada com as contribuições de Nietzsche) se apresenta como um contra-ideal, negando todo “mundo verdadeiro” e toda “vida eterna” como ilusões e falsificações. Este esboço afirma que devemos encontrar um motivo para a morte na própria construção da vida, na busca por dar sentido a ela.

## CONCLUSÕES

As consequências do pensamento de Nietzsche levantam importantes questões para debate. Neste contexto, gostaríamos de rerepresentar algumas ideias que surgiram durante nossa leitura. A morte pode ocorrer naturalmente, anunciando sua chegada por meio de uma gradual diminuição das forças vitais, retirando do indivíduo sua qualidade de vida e impondo-lhe um fim lento, doentio e doloroso, repleto de sofrimento. Diante de alguém que percebe seu fim iminente e não encontra dignidade ou honra em morrer naturalmente nesse estágio final, deveríamos consentir com o desejo e a vontade de quem expressa a vontade de encerrar a vida? A morte involuntária pode acarretar sofrimento e degradação física e mental, a ponto de a pessoa perder-se de si mesma: devemos ser fortes e suportar esse curso a todo custo? As questões colocadas por Nietzsche, à maneira dos antigos estoicos romanos, são suficientemente ricas para provocar em nós um olhar diverso daquele que herdamos da tradição judaico-cristã, desenvolvida após a condenação agostiniana da morte voluntária: estamos disponíveis para cuidar daqueles que justificam e planejam sua própria morte, sem angústia e desespero, sem escândalo, reconhecendo suas razões? Seremos capazes disso? Em suma, trata-se de discutir e debater a eutanásia, sem nos furtarmos a uma análise séria sobre o valor da morte.

Ao explorar as ideias de Nietzsche, nos deparamos com questões profundas e complexas sobre a morte e a eutanásia. Reconhecendo a importância do cuidado e do respeito à vontade individual, é fundamental examinar e debater abertamente esse tema, buscando um equilíbrio entre os princípios éticos e morais envolvidos. Ao fazer isso, poderemos progredir rumo a uma compreensão mais aprofundada da dignidade humana no contexto da mortalidade, além de contribuir para o avanço das discussões acadêmicas e sociais sobre a eutanásia.

## REFERÊNCIAS

- FILÃO (de Alexandria) *De sacrificiis Abelis et Caini. Introduction, traduction et notes par A. Mésson. Paris: Éditions du Cerf, 1966.*
- HOOFF, *From autothanasia to suicide: Self-killing in classical antiquity.* London and New York: Routledge, 1990.
- KANT, Immanuel. *Lectures on Ethics.* Translated by Peter Heath. The Cambridge Edition of The Works of Immanuel Kant. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- KANT, Immanuel. *Metafísica dos Costumes.* Tradução de José Lamégo. 3ª edição. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2017.
- LEWIS & SHORT. *A Latin Dictionary.* Founded on Andrews' edition of Freund's Latin dictionary. revised, enlarged, and in great part rewritten by. Charlton T. Lewis, Ph.D. and. Charles Short, LL.D. Oxford. Clarendon Press. 1879. disponível: <http://www.perseus.tufts.edu> (acessado em 25 de junho de 2023).
- MARQUES, V. S. N. F. *et al.* "Suicídio em idosos brasileiros: retrato de uma realidade." *Revista Brasileira Multidisciplinar.* 2020; 23(3): 190-202.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde – Ministério da Saúde. "Boletim Epidemiológico", Volume 48 Nº 30 – 2017.
- MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*, Livro II, capítulo 3 (Costume da ilha de Quíos). In F. R. Puente (Org.), *Os filósofos e o suicídio* (p. 83-107, F. R. Puente, & E. de Moraes, Trad.). Belo Horizonte, MG: editora da UFMG, 2008.
- NIEZTSCHÉ, Friedrich. *Werke. Kritische Gesamtausgabe*, Berlin/New York, de Gruyter, 1967 and Nietzsche Briefwechsel. *Kritische Gesamtausgabe*, Berlin/New York, de Gruyter, 1975. *The Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe* ([eKGWB](http://www.kgw.de)).
- NIEZTSCHÉ, Friedrich. *Humano, Demasiado Humano.* Volume I. Trad. De Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. Das Letras, 2005.
- NIEZTSCHÉ, Friedrich. *Humano, Demasiado Humano.* Volume II. Trad. De Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. Das Letras, 2008.
- NIEZTSCHÉ, Friedrich. *Crepúsculo dos Ídolos: ou como se filosofa com o martelo.* Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- NIEZTSCHÉ, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra.* Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- NIEZTSCHÉ, F. *A Gaia Ciência* Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- PLATÃO. *Fédon* (ou Da Alma). São Paulo: EDIPRO, 2º ed., 2015.
- PLINY (The Elder). *Natural History: a selection.* Translated by John F. Healy. London: Penguin Books, 1991.
- REIS, Alexandre H. *História do Suicídio*, livro 1 – Variações antigas e o domínio do Cristianismo, Belo Horizonte: Páginas Editora, 2020.